

Páginas da resistência à ditadura no Paraná: os jornais alternativos *Maria*, *Boca no Trombone* e *Nosso Tempo* nas lutas políticas dos anos 1980¹

Maria Helena Denck ALMEIDA²

Graduanda

Karina Janz WOITOWICZ³

Docente

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

Resumo

O artigo busca contribuir para o registro da história da imprensa alternativa no Paraná durante a ditadura civil-militar, com ênfase nas publicações que circularam no início dos anos 1980. A partir de pesquisa bibliográfica e documental sobre a resistência à ditadura militar instaurada no Brasil durante o período de 1964-1985, pretende-se identificar o papel da imprensa alternativa na visibilidade das demandas e bandeiras dos movimentos sociais. Com base nas características dos jornais *Maria* (Curitiba, 1984), *Boca no Trombone* (Curitiba, 1980) e *Nosso Tempo* (Foz do Iguaçu, 1980), são apresentados alguns elementos que compõem uma narrativa sobre lutas sociais e oposição ao autoritarismo no Paraná.

Palavras-chave: História da mídia alternativa; ditadura militar; imprensa alternativa; Paraná.

Introdução

Durante o período da ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985), a imprensa alternativa atuou como espaço de denúncia, crítica e reivindicação de direitos, envolvendo os mais diversos setores da sociedade. Fazer jornal consistia em uma prática de resistência duramente combatida pelo governo militar, principalmente nos anos de maior repressão, marcados pelos rigores do Ato Institucional n. 5 (AI-5), em 1968, que resultou, entre outras coisas, no fechamento do Congresso Nacional, na instauração da censura prévia e na suspensão de direitos políticos.

Por imprensa alternativa compreende-se os jornais na maioria das vezes de pequena circulação, produzidos sem estrutura financeira ou mesmo profissional, com envolvimento de militantes que entendiam exatamente o papel da imprensa na defesa da democracia: informar, denunciar, promover o debate, formar a opinião, mobilizar as pessoas, contrapor versões dos acontecimentos. Estima-se que mais de 150 periódicos nasceram e morreram

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Alternativa, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia. Este trabalho é concorrente ao Prêmio José Marques de Melo.

² Estudante do curso de graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, bolsista de iniciação científica pela Fundação Araucária e integrante do grupo de pesquisa Jornalismo Cultural e Folkcomunicação. Email: denckalmeidamh@gmail.com

³ Professora Dra. Do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Coordenadora do grupo de pesquisa Jornalismo Cultural e Folkcomunicação. Email: karinajw@uepg.br

neste período (KUCINSKI, 2003), representando a diversidade de grupos, organizações de esquerda e movimentos sociais.

Sabe-se, contudo, que há um número muito maior de experiências de imprensa alternativa que marcaram o período em todo país e permanecem desconhecidas. Pelas pesquisas e registros em torno da memória da ditadura no Brasil - principalmente a partir do trabalho desenvolvido pela Comissão da Verdade em diferentes estados - tem sido possível recompor fragmentos dessa história. Relatos, documentos e estudos revelam que há lacunas acerca desse passado recente da nossa história e que ainda há muito a ser descoberto sobre pessoas perseguidas, presas, torturadas e assassinadas, bem como sobre as resistências que protagonizaram.

Ao longo do presente artigo, serão levantados elementos que buscam recuperar a atuação da imprensa alternativa no Paraná, a partir de pesquisa bibliográfica e documental. Tratam-se de registros que, ainda que de modo parcial, apontam para a importância da imprensa como porta-voz dos movimentos sociais, com base nas experiências dos jornais *Maria*, *Boca no Trombone* e *Nosso Tempo*, que circularam no Paraná nos anos 1980. O percurso soma-se aos estudos sobre o tema, à medida que descortina fragmentos de uma imprensa de resistência no Estado.

Jornalismo alternativo e as vozes da resistência no Paraná

A imprensa alternativa produzida no período da ditadura militar, assim reconhecida por se distanciar das relações de poder hegemônico e dos interesses mercadológicos (GRINBERG, 1987), pode ser considerada parte importante do processo de organização da sociedade a partir de grupos e setores que se mobilizavam para lutar pela democracia. No entanto, embora algumas experiências estejam presentes na história da mídia no país – a exemplo de jornais como *O Pasquim*, *Pif Paf*, *Movimento*, *O Bondinho*, *Opinião*, *Em Tempo*, *Coojornal*, *Versus*, entre dezenas de outros periódicos de partidos, sindicatos, estudantes e movimentos de resistência – ainda há muitas lacunas no que se refere a registros jornalísticos, principalmente daqueles veículos que se situam fora dos principais centros urbanos. Sabe-se que, ao longo do período de ditadura, circularam diversos periódicos que, em alguns casos, não passaram da primeira edição devido aos rigores, perseguições e dificuldades técnicas e estruturais que marcaram o período.

No Paraná, são poucos e imprecisos os registros da imprensa alternativa referentes ao período. Bernardo Kucinski (2003), responsável por um dos mais completos levantamentos

sobre a história da imprensa alternativa no Brasil, identifica, entre cerca de 150 periódicos catalogados em arquivos públicos e privados, a existência de oito veículos no Paraná: da cidade de Londrina, os jornais *Terra Roxa* (1973), *Poeira* (1974), *Viver* (1975), *Brasil Mulher* (1975) e *Paraná Repórter* (1980); de Curitiba, os jornais *Scaps* (1975) e *Boca no Trombone* (1980); e de Maringá, o jornal *Etc* (1977). Por meio de pesquisa bibliográfica e documental, sabe-se ainda da existência dos jornais paranaenses *Nosso Tempo* (1980), *Jornal Flâmula* (1960), *Jornal da União Paranaense dos Estudantes* e *Voz do Paraná* (anos 1970), além dos periódicos feministas *Boletim do Movimento Feminino pela Anistia – Núcleo Paraná* (1977), *Maria* (1984) e aqueles publicados logo após a abertura política: *Jornal da Mulher* (1986), *Boletim da Mulher* (1986) e *Boletim do MPMP* (1986).

Ao recuperar a história do jornal *Voz do Paraná*, Antonelli (2019) destaca a atuação do periódico durante os anos 1970 e a censura imposta ao periódico. Evidencia, assim, a repressão praticada pelo governo militar. “O grupo estadual Tortura Nunca Mais estima que quatro mil foram presos apenas no Paraná. Desses, no mínimo, mil sofreram tortura no estado. O número pode ser muito maior” (2019, p. 63-64). De acordo com o autor, as principais cidades que se tornaram centros de tortura no estado foram Curitiba, Apucarana, Foz do Iguaçu e Ponta Grossa.

Ao tratar da resistência à ditadura, é oportuno registrar a participação feminina, que costuma ficar invisibilizada em meio às narrativas sobre o período (POPADIUK, CARMARGO, WOITOWICZ, 2017). De acordo com dados levantados pela Comissão Nacional da Verdade, cerca de 11% dos mortos e desaparecidos no período da ditadura são mulheres. Segundo o projeto Brasil Nunca Mais, foram 884 as mulheres presas e denunciadas à Justiça Militar no período⁴. Laura Bordin e Suelen Lorianny (2013) registram, entre as mulheres que atuaram na luta contra a ditadura no Paraná, as militantes Teresa Urban⁵, Noemi Osna Carriconde, Judite Barboza Trindade, Elisabeth Fortes, Zélia Passos e Clair da Flora Martins. É oportuno destacar que Teresa e Noemi atuaram no jornal da *União Paranaense dos Estudantes* e que a primeira também integrou a equipe do alternativo *Voz do Paraná*, que empregou jornalistas de esquerda, que haviam sido banidos das redações (FERNANDES,

⁴ MOSER, Sandro. Livro resgata o papel das mulheres na ditadura. *Gazeta do Povo*, 02/10/2013. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/livro-resgata-o-papel-das-mulheres-na-ditadura-34952yy4pbxhewjfq0xgz9b2m#ancora>

⁵ A Comissão da Verdade do Paraná leva o nome da jornalista, conforme segue: “Por representar o combate e a resistência à ditadura civil-militar, por sua intransigência em relação aos princípios que pautaram sua vida, por sua crítica e por sua sensibilidade é que esta comissão, em homenagem à sua história e à sua memória, nomeou-se Comissão da Verdade do Paraná Teresa Urban”. (PARANÁ, 2014, p. 19)

2014; ANTONELLI, 2019). Ao lado delas, muitas outras mulheres⁶ se fazem presentes na resistência ao autoritarismo, conforme é possível observar nas páginas dos jornais analisados.

Por esses registros, sabe-se que a repressão às vozes de resistência e a perseguição aos opositores foram práticas que acompanharam o autoritarismo político dos militares no poder. E a imprensa, à medida que figurava como porta-voz de grupos e movimentos, agia como um espaço de disputa contra-hegemônica, sofrendo os rigores da censura e das práticas repressivas.

Para ilustrar parte das lutas travadas por militantes pela democracia no cenário paranaense, por meio da imprensa alternativa, a presente pesquisa estabeleceu um recorte temporal que considerou as seguintes publicações que circularam no início dos anos 1980: *Maria*, *Boca no Trombone* e *Nosso Tempo*. Foram analisadas as edições destes periódicos a partir das características da imprensa alternativa, de modo a contribuir para a valorização das experiências de jornalismo que se apresentam como práticas de militância política no período considerado, com ênfase nas temáticas referentes aos movimentos sociais do Paraná.

A primeira etapa do estudo envolveu pesquisa bibliográfica e documental sobre a ditadura militar e a imprensa alternativa do período, em que foram considerados o Relatório da Comissão Estadual da Verdade – PR Teresa Urban (PARANÁ, 2014) e estudos que tratam, direta ou indiretamente, da imprensa alternativa na luta contra a ditadura (CONRADI, 2015; KNAPIK, 2005; POPADIUK, SCHMITT, WOITOWICZ, 2019, ANTONELLI, 2019, BORDIN, LORIANNY, 2013; BRAGGIO, FIUZA, 2019; OLIVEIRA, 2017).

Em seguida, foram observados os conteúdos publicados nos jornais *Boca no Trombone*⁷, *Nosso Tempo*⁸ e *Maria*⁹ para realização da análise, a partir de critérios como orientação editorial, temáticas predominantes e aspectos discursivos, embasados pela bibliografia de referência. Também foi considerada a relação com movimentos sociais como um eixo de leitura dos textos. Importante destacar que o corpus da pesquisa ficou condicionado ao acesso às fontes e compreende a única edição publicada do jornal *Boca no Trombone*, produzido por um grupo de oposição política; uma das duas edições do jornal *Maria*, do grupo feminista 8 de Março; e uma seleção de três edições (uma por ano) do jornal de militância política *Nosso Tempo* nos seus primeiros anos de existência durante o governo militar.

⁶ Registra-se a existência de pelo menos três organizações feministas no Paraná no período da ditadura: Movimento Feminino pela Anistia no Paraná, Movimento de Mulheres Oito de Março e Movimento Popular de Mulheres do Paraná.

⁷ Versão digital (edição única) disponível no site Ditadura em Curitiba: <https://ditaduraemcuritiba.com.br/>

⁸ Versão digital disponível no site <http://www.nossotempodigital.com.br/>. Também serão considerados textos sobre o jornal publicados no site Documentos Revelados: <https://www.plural.jor.br/documentosrevelados/>

⁹ Versão digital disponibilizada pelo projeto Mulheres de Luta, coordenado pela professora Cristina Sheibe Wolff na Universidade Federal de Santa Catarina, com apoio da Capes.

Experiências dos jornais *Maria*, *Boca no Trombone* e *Nosso Tempo*

Os jornais alternativos apresentam como característica comum a vinculação com determinados movimentos sociais e/ou partidos políticos. No caso dos jornais selecionados para esta pesquisa, as relações com grupos específicos se revelam nos temas de interesse dos jornais e na própria composição da equipe. Destacam-se, portanto, grupos feministas, categorias de trabalhadores e partidos de esquerda.

O jornal *Maria*, de Curitiba, iniciado em 1984, tinha como objetivo fazer um acompanhamento das atividades desenvolvidas pelo Movimento de Mulheres 8 de março, além de trazer textos que discutiam as situações vivenciadas por mulheres em diferentes condições no Brasil. Com Terezinha Cardoso como a responsável pelo jornal, *Maria* abordava diversos temas, como o planejamento familiar, a participação das mulheres na política brasileira e o feminismo na América Latina.

De acordo com a pesquisa de Conradi (2015), em 1982, Teresinha ingressa no movimento feminista 8 de Março e passa a atuar na produção do jornal *Maria*, que trazia questões específicas à causa das mulheres. O jornal, que teve apenas duas edições, era financiado pelas próprias participantes do movimento 8 de Março, de forma colaborativa. “Não havia uma liderança específica, mas havia especialistas sobre determinados assuntos nos espaços, o que fomentava o debate entre elas” (CONRADI, 2015, p.110).

Imagem 1: Capa da 2ª edição do jornal *Maria* (Dezembro/1984)



Fonte: Acervo do projeto Mulheres de Luta (LEGH/UFSC)

A edição número 2 do jornal *Maria*, com 8 páginas, relaciona a vivência de mulheres com as situações cotidianas de um país vítima de um golpe de Estado. Em todas as páginas, é possível perceber a posição das militantes diante da política vigente e de suas consequências. Matérias sobre a mulher do campo, o acesso às creches e a saúde da mulher são exemplos de maior evidência.

Pode-se dizer que o jornal consegue capturar a essência do jornalismo alternativo na resistência contra a ditadura, tanto pelo caráter social quanto pela linguagem combativa e simples ao abordar temas sensíveis. O jornal conta com algumas colaboradoras, mas a maioria de seus textos descreve posicionamentos de líderes do movimento, palestras ministradas por mulheres em universidades e eventos sobre a posição das mulheres na sociedade da época, na política e na educação, considerando o contexto de violência e repressão vivenciado no país.

Em matéria intitulada “A mulher na luta pela terra”, a autora Célia Gouvêia demonstra o posicionamento do jornal diante da ditadura militar e reforça o quanto é necessário que todas as mulheres do Brasil se unam em resistência, já que também foram parte das movimentações que colaboraram para que os militares chegassem ao poder. “Nós, mulheres, temos uma responsabilidade histórica para com o país, pela nossa presença maciça nas marchas que legitimaram o golpe militar” (*Jornal Maria*, 1985, p.3). No mesmo texto, Célia Gouvêia cita os objetivos do movimento feminista do Brasil de fazer com que mulheres tomem seu lugar de direito.

Por sua vez, o jornal *Boca no Trombone*, também de Curitiba, atuante em 1980, foi um projeto colaborativo entre jornalistas e apoiadores com forte viés político. O objetivo proposto pela equipe, cuja diretora era Noemi Rosna Carriconde, era conseguir dar espaço para as pessoas que, no momento, não dispunham de uma voz política no país. Na única edição do periódico, são discutidos diversos temas, como os movimentos sociais envolvendo metalúrgicos, professores e estudantes, além de questões das regiões periféricas, sofrendo com as consequências da grave crise econômica causada pelo governo ditatorial.

Com 16 páginas, o jornal expressa claramente sua posição sobre as ações do governo que prejudicam o Paraná e o Brasil, como a dívida externa, a inflação, a situação das periferias, a falta de saneamento e os gastos do governo com a saúde que não conseguem conter crises. A equipe reforça a importância dos colaboradores no jornal para falar sobre a inclusão de pessoas ignoradas pela mídia, como representantes de movimentos sociais.

Metalúrgicos, estudantes e sindicalistas são citados diversas vezes e há a menção de partidos políticos específicos, como o PT e o PMDB. Mesmo em editoriais que parecem não ser relacionadas com política de imediato, como a de esportes, as crises são tema principal, com títulos tristes e um reforço sobre a situação do país.

Imagem 2: Capa do jornal *Boca no Trombone* (Outubro/1980)



Fonte: Projeto Ditadura em Curitiba (UFPR)

A linha editorial do jornal propõe um trabalho com colaboradores, e, somente na edição analisada, 24 colaboradores são citados no expediente. Todos trabalham como editores, escritores ou ilustradores, entre outras funções presentes nas páginas do jornal.

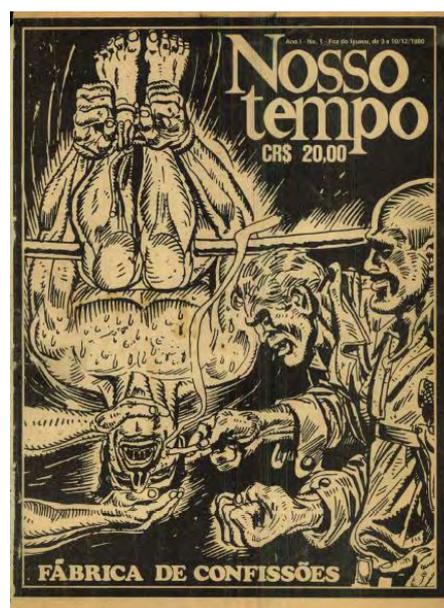
Um dos destaques da edição é a página 7, composta por quatro matérias que descrevem a situação da saúde no Paraná e os motivos pelos quais ela está falhando. O jornal chama a seção de “Estamos mal da saúde”, o que se prova verdadeiro a partir da análise dos diferentes acontecimentos descritos. Na primeira situação, é descrito o Programa Nacional de Ações Básicas de Saúde, plano que o jornal descreve como fruto do capitalismo. Durante a matéria, o *Boca no Trombone* acusa o governo de desejar somente o mínimo de saúde para as populações mais pobres, para que continuem sendo mão de obra barata.

Ainda na mesma seção de matérias, é discutida a morte de 200 crianças por causa do sarampo no Paraná, entre janeiro e setembro de 1980. O jornal utiliza-se da fala de um morador de uma região que foi infestada pelo sarampo, reforçando o caráter alternativo e o objetivo do jornal de dar voz para aqueles que não apareciam nos jornais paranaenses tradicionais da época.

O terceiro veículo que compreende a pesquisa, o jornal *Nosso Tempo*, de Foz do Iguaçu, atuou durante o período de 1980-1994, estando presente durante o final da ditadura militar e o começo da redemocratização, permitindo a análise das diferenças editoriais com a passagem dos anos. Entre os jornais analisados, é o que conta com as edições mais extensas, entre 20 e 30 páginas. Além disso, também é o jornal que mais recebe a atenção da publicidade, com páginas repletas de propagandas de serviços e personalidades da cidade de Foz do Iguaçu. Segundo a equipe do jornal, a proposta é mudar o perfil dos jornalistas do Paraná e tratar o jornalismo com mais engajamento e crítica que os outros jornais da época.

Para a presente pesquisa, foram analisadas edições de 1980 até 1985, publicadas durante o período da ditadura. Diversos temas são abordados nas edições selecionadas, como questões envolvendo política e partidos em Foz do Iguaçu, propriedade de terra, tortura e prisões e, mais tarde, entre 1982 e 1985, crimes marcantes da cidade. Entre os jornais analisados, o *Nosso Tempo* conta com menos colaboradores em sua composição, abrindo espaço na coluna 'Psiu', com suposições, denúncias e piadas enviadas pelos leitores.

Imagem 3: Capa da primeira edição do jornal *Nosso Tempo* (Dezembro/1980)



Fonte: Arquivo do projeto Documentos Revelados (Aluizio Palmar)

Nosso Tempo tem uma primeira edição característica do jornalismo alternativo, reforçando desde o início o caráter engajado, analítico e crítico dos textos do jornal, que começa a edição falando sobre a tortura característica do Brasil do período de ditadura militar, com relatos gráficos de presos que sofreram métodos diferentes de tortura enquanto respondiam por aquilo que havia levado às suas prisões. Além disso, textos marcantes sobre a presença do hábito das propriedades ilegais em Foz do Iguaçu reforçam a desigualdade social presente no período. *Nosso Tempo* aposta em títulos chamativos e com linguagem popular para suas matérias, característica também marcante de alguns jornais alternativos, como “Drama no Paraguai: Brasileiros estão comendo o pão que o diabo amassou” (1980, p. 6).

A capa da primeira edição já demonstra o posicionamento do jornal diante das torturas propostas pelas delegacias de todos os estados do Brasil, com a ilustração de um homem pendurado no pau-de-arara, enquanto um homem segura sua cabeça e outros dois homens, claramente uniformizados, queimam cigarros em seu rosto.

A temática da tortura é mantida durante outras edições do jornal (OLIVEIRA, 2017), já que na edição número 100, de dezembro de 1983, consta uma matéria que descreve a tortura de um jovem preso acusado de roubar um carro, mesmo tendo testemunhas que afirmam que, no dia do crime, ele estava em uma festa. O jornal descreve abertamente os métodos utilizados para fazer com que ele confessasse ao roubo do carro, como espancamento, pau-de-arara e choques, todos métodos muito utilizados durante o período da ditadura militar.

Vínculos com movimentos sociais na imprensa alternativa

Uma das características mais marcantes da imprensa alternativa durante a ditadura militar no Brasil foi sua associação com diferentes movimentos sociais para que fosse firmada uma relação de confiança e de apoio entre jornalistas e ativistas que, em conjunto, lutavam pela restauração da democracia no país. Em diversas experiências jornalísticas alternativas brasileiras, a aproximação com os movimentos sociais mais presentes na resistência contra a ditadura representava uma tentativa de tornar o jornalismo mais popular (KUCINSKI, 2003), trazendo à tona as notícias que não apareciam em jornais da grande imprensa.

Na experiência do jornal *Boca no Trombone*, foi firmado um relacionamento muito próximo com o movimento estudantil presente no Paraná. Na única edição, é reforçado o

apoio da equipe jornalística à União Paranaense dos Estudantes, desmontada e considerada ilegal pelo AI-5. O relacionamento entre a UPE e o jornalismo alternativo paranaense não é incomum, já que outra experiência, o jornal universitário *Flâmula*, demonstra ter ideais semelhantes aos da UPE (BRAGGIO, FIUZA, 2019).

Da mesma maneira, *Boca no Trombone* toma uma posição clara e protetiva de apoio aos professores do estado durante uma greve em 1980. Na matéria de destaque, o jornal assume o papel de investigador do poder público, desmontando as mentiras contadas pelo Secretário de Educação e Cultura da época, Edson Machado, sobre os professores grevistas, em uma tentativa de desmoralizar e formar a opinião pública sobre a greve.

Além de apoiar o movimento estudantil, o jornal demonstra seu apoio ao Sindicato dos Pedreiros de Curitiba e detalha a situação da eleição da chapa 2, a oposição, que sofreu uma anulação considerada pelo *Boca no Trombone* como uma tentativa de silenciar os envolvidos. A equipe também reforça a questão salarial dos trabalhadores que prestam o serviço de pedreiros, já que seus salários ainda eram muito baixos.

O jornal *Maria* tem um relacionamento ainda mais firme com o movimento feminista no Brasil, considerando que o jornal é uma agenda de acontecimentos envolvendo o Movimento de Mulheres 8 de Março. Na descrição de uma palestra de Maria Carneiro da Cunha sobre o lugar de mulheres no poder público brasileiro, é concluído que, além dos números baixos de mulheres no poder, as que chegam em posições altas somente são respeitadas por homens porque reconhecem seus comportamentos como repetições das atitudes masculinas.

Maria também relaciona o movimento feminista com outros movimentos sociais importantes, como o da luta pela terra. Em duas matérias diferentes, o jornal reafirma o quanto essa luta modifica a vivência de mulheres no Paraná. Na primeira, é abordada a desapropriação dos lotes das terras de famílias próximas ao lago da hidrelétrica de Tucuruí por meio da Eletronorte, em 1978, e como esse acontecimento modificou a estrutura das famílias e fez com que mulheres tivessem que se arriscar em meio à mata para plantar e criar os filhos. Na segunda matéria, em forma de análise, é reforçada a marginalização das mulheres do campo, que, além de cuidar dos filhos, trabalham com a agricultura, mas não recebem o mesmo reconhecimento. O jornal, ao associar os dois movimentos, consegue tornar os textos mais populares e influenciar mulheres para que participem da política, para que representem as mulheres que não têm voz.

Em matéria sobre as creches de Curitiba, o jornal *Maria* relaciona a vivência de mulheres com movimentos envolvendo a educação no Paraná. Ao trazer depoimentos de responsáveis pedagógicas pela creche Demave, creche alternativa criada por mães, pais e responsáveis de periferias de Curitiba cansados de esperar por vagas, o jornal demonstra o descaso do governo estadual, que deixa creches sem vagas, materiais e profissionalização.

O jornal *Nosso Tempo* é o que apresenta abordagem mais ampla, por tratar de mais assuntos e ter mais edições que os outros dois jornais abordados. Uma das temáticas mais comuns nas edições é a de posse de terra, quando o jornal assume sua posição aliada ao movimento de luta pela terra. Em matéria sobre o Lote Grande, na primeira edição do jornal, são discutidos os conflitos envolvendo os proprietários do lote, a família Shimmelpfeng, e os posseiros que ocupavam o território. *Nosso Tempo* fica ao lado dos posseiros, afirmando que as pessoas que ocupavam o local cultivaram a terra e não trouxeram prejuízos ao proprietário original.

Da mesma forma, o *Nosso Tempo* dá lugar para as pessoas que antes não eram representadas pelos jornais de Foz do Iguaçu. Um grande exemplo é a Seção povão, presente na primeira edição, que traz denúncias de moradores humildes de locais abandonados pelo governo. O jornal representa as denúncias sobre proprietários de terra perturbando moradores para que saiam de suas casas e a denúncia sobre a falta de sinalização em Foz do Iguaçu em três pequenos textos.

Da mesma forma, na edição 18, de 1981, o *Nosso Tempo* descreve a Marcha dos Agricultores, em uma matéria longa, de quatro páginas, em que são descritas diferentes situações do conflito. Em destaque, fica a análise por parte do jornal sobre a cobertura jornalística feita no Paraguai sobre o mesmo conflito, que, segundo o *Nosso Tempo*, segue uma linha mais tímida e cuidadosa, com medo de contrariar a Itaipu.

Pelos registros aqui apresentados, referentes aos três jornais em questão, fica evidente o lugar de apoio e visibilidade às lutas sociais e políticas que marcam os anos 1980 – entre a denúncia ao autoritarismo político e a luta pela democracia – em um momento em que a formação de alianças e a projeção de vozes dissonantes configuram estratégias de resistência.

Considerações finais

A partir da caracterização dos jornais que atuaram no enfrentamento à ditadura, com ênfase no estabelecimento de vínculos com movimentos sociais, conforme exposto ao longo do texto, pode-se dizer que os jornais *Boca no Trombone*, *Maria* e *Nosso Tempo* colaboram

para a memória do jornalismo alternativo paranaense da década de 1980, preservando, por meio de matérias e editoriais, a tendência investigativa e de resistência.

Os resultados da pesquisa, além de reforçarem a percepção sobre a diversidade de experiências e propostas que marcam a imprensa alternativa na época, retratam as pautas gerais e específicas referentes ao contexto social e político, colocando em evidência o processo de organização e mobilização em defesa de direitos e da própria democracia tematizado nas páginas dos jornais.

Apesar do número ainda limitado de pesquisas e registros sobre a resistência contra a ditadura militar no Paraná, a existência de acervos de jornais como os analisados durante a pesquisa prova que havia porções significativas da sociedade paranaense que julgavam necessária a volta de democracia no país, fenômeno que se expande para todo território nacional.

O relacionamento próximo entre os jornais e os movimentos sociais presentes no estado do Paraná demonstram a vontade da imprensa alternativa de tornar seus materiais mais populares e acessíveis, por meio da aliança que fortalecia a resistência à ditadura e a militância que buscava melhorias na vida das pessoas prejudicadas pela crise social, política e econômica imposta pelo governo ditatorial.

Memórias sobre a resistência contra um período tão obscuro como a ditadura militar brasileira e a vontade do estabelecimento da democracia colaboram para a preservação de um pensamento que relembra a repressão da qual membros da população e da imprensa brasileira tiveram que enfrentar durante os 21 anos de ditadura. Em um momento em que a defesa de um golpe militar e a promoção de torturas comuns ao regime autoritário são colocadas em pauta pelo atual governo, é de extrema relevância que a história brasileira seja retomada, estudada e analisada.

Referências

ANTONELLI, Diego. **Jornal Voz do Paraná: uma história de resistência**. Curitiba: Esplendor, 2019.

BORDIN, Laura Leal; LORIANNY, Suelen. **Sem liberdade, eu não vivo: mulheres que não se calam na ditadura**. Curitiba: Editora Compactos, 2013.

BRAGGIO, Ana Karine; FIUZA, Alexandre Felipe. **A produção cultural e literária no movimento estudantil paranaense na década de 1960**. Reflexão e Ação, vol. 27, n. 3, 2019. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/13774>

CONRADI, Carla Cristina Nacke. **Memórias do sótão: vozes de mulheres na militância política contra a ditadura no Paraná (1964-1985)**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

FERNANDES, José Carlos. Nanicos e revolucionários. **Gazeta do Povo**, 02/05/2014. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/nanicos-e-revolucionarios-8q159zeegobugjjhrg7wuwifi>

FICO, Carlos. “Censura, ditadura e “utopia autoritária””. In: COSTA, Cristina (Org). **Seminários sobre Censura**. São Paulo: Balão Fapesp, 2012. p. 65-75

GRINBERG, Máximo Simpson. **A comunicação alternativa na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1987.

KNAPIK, Márcia Carneiro (org.). **Movimento Popular de Mulheres no Paraná: 10 anos construindo vida**. Curitiba: Editora Gráfica Popular: CEFURIA, 2005.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

MANSAN, Jaime Valim. A educação superior sob vigilância: o caso do DOPS/PR (1964-1988). **Revista HISTEDBR**, Campinas, nº 51, p. 14-26, jun. 2013. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640260>

OLIVEIRA, Anderson de. **Representações da Tortura no Jornal Nosso Tempo: Direitos Humanos e opinião pública em Foz do Iguaçu 1980-1985**. Monografia de Conclusão do Curso de História – América Latina. Foz do Iguaçu, Universidade Federal da Integração LatinoAmericana, 2017.

PARANÁ. **Relatório da Comissão Estadual da Verdade - Teresa Urban**. Governo do Estado do Paraná, 2014.

POPADIUK, Barbara; SCHMITT, Elaine; WOITOWICZ, Karina Janz. Luta e resistência política: a imprensa feminista brasileira nos anos 1970 e 80. In: WOLF, Cristina Scheibe; ZANDONÁ, Jair; MELLO, Soraia Carolina de (Orgs.). **Mulheres de Luta: feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1985)**. Curitiba: Appris, 2019. pp. 56-74. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/201257>.

POPADIUK, Barbara; CAMARGO, Bruna; WOITOWICZ, Karina Janz. Lutas feministas por meio da imprensa: Movimento de mulheres no Paraná e espaços de resistência. **Anais [...]**. XI Encontro Nacional de História da Mídia. São Paulo, Alcar, 2017.

Fontes:

Jornal Maria. Curitiba/PR, n.2, dez. 1984.

Jornal Boca no Trombone. Curitiba/PR, s/n., out. 1980.

Jornal Nosso Tempo. Foz do Iguaçu/PR, n.1, dez. 1980.

Jornal Nosso Tempo. Foz do Iguaçu/PR, n. 18, abril. 1981.

Jornal Nosso Tempo. Foz do Iguaçu/PR, n.100, dez. 1983.